

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**BORIS LEHMAN - REALIZADOR CONVIDADO**  
**20 de Dezembro de 2023**

**A COMME ADRIENNE / 2000**

*Um filme de Boris Lehman*

Realização: Boris Lehman / Direcção de Fotografia: Antoine-Marie Meert / Música: Djalal Akhbari / Som: Bernard Declerq, Henri Morelle, Irvic d'Olivier / Montagem: Daniel De Valck e Ariane Mellet / Com: Adrienne Fonck-Boulvin, Édouard Higuët, Laurent d'Ursel, Stephen Sack, Roch e Louis Boulvin, Pauline de Mérode, Antonella de Lutio, Boris Lehman.

Produção: Boris Lehman / Cópia: dcp, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 115 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Exibido pela primeira vez no nosso país no âmbito do Festival Número, em Dezembro de 2000.

Com a presença de Boris Lehman.

\*\*\*

Se, como se insistiu na “folha” de **Mes Entretiens Filmés**, a ideia de auto-retrato é um tema chave na obra de Boris Lehman, esse conceito não é “totalitário” nem significa que o realizador belga não saiba, ou não queira, olhar para outras pessoas além dele próprio. Quem esteja, através destas duas sessões, a fazer a sua introdução ao cinema de Boris Lehman poderá constatar-lo muito bem através de **A Comme Adrienne**.

**A Comme Adrienne** é um retrato de Adrienne Fonck-Boulvin, mas também é uma espécie de presente, de “cadeau”, a manifestação do fascínio de Lehman por esta senhora de 77 anos (“a idade limite para se ler o Tintin”, como o realizador lembra divertidamente no “press-book” do filme), mas a manifestação também do seu reconhecimento (“se o cinema talvez tenha mudado a vida de Adrienne, Adrienne contribuiu para mudar a minha”, escreve o cineasta).

Se Boris Lehman continua a estar “dentro” do filme, remete-se desta vez à posição modesta de “aluno”, de aluno das “lições de vida” (começa-se por uma “lição de natação”, acaba-se numa “lição de cinema”) de Adrienne. Este é, portanto, um filme que olha mais do que interpela, um filme que ouve mais do que interroga. Também é, certamente por isso, um filme de uma serenidade que talvez nunca tenha estado presente desta maneira no cinema de Boris Lehman – e que é, afinal de contas, a melhor resposta, ou a melhor “homenagem” possível, à “sagesse” de Adrienne que tanto e tão evidentemente cativa o realizador belga. “Sagesse” que, neste como noutros casos, designa menos uma erudição ou uma “sabedoria” no sentido enciclopédico do termo do que a capacidade de chegar a uma pacificada relação com

a vida e com o mundo. É esta impressionante “paz” de Adrienne que parece mover e fascinar o olhar de Boris Lehman, e que naturalmente decide a enorme doçura desse olhar. Lehman já por várias vezes filmou (ou interrogou) os pequenos/grandes rituais quotidianos (lembre-se **Muet comme une Carpe**, por exemplo), mas talvez nunca a desarmante simplicidade do mais banal dos rituais quotidianos tenha conseguido transmitir a plenitude do seu sentido como sucede aqui – por exemplo, na cena em que vemos Adrienne e Boris a porem a mesa do almoço.

“Transmitir”, disse-se, e a palavra parece ser justa. Porque se alguma coisa Lehman interroga neste filme são as hipóteses de “transmissão” de um saber ou de uma relação com o mundo. É sem dúvida por isso que ele se remete ao papel de “discípulo” atento. Mas também é por isso que o filme dedica tanto tempo aos “contos” de Adrienne, aos contos populares iranianos que ela aprendeu durante os 14 anos em que viveu naquele país - e que lhe permitiu, para citar uma feliz expressão de Lehman, “meter um pouco de oriente no seu bolso e muito sol nos seus relatos”. É esse “sol” que Lehman quer perpetuar, e que quer ajudar a “passar”. Faz, por isso, todo o sentido que este filme mais “íntimo” que “intimista” termine com o grande plano do rosto de uma criança, neta de Adrienne.

Luís Miguel Oliveira